

OS SÍNODOS CONTINENTAIS: BALANÇO E PERSPECTIVAS

Alberto Antoniazzi

O Papa João Paulo II, como anunciara na Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (TMA), convocou, em preparação ao Jubileu de 2000, cinco sínodos continentais. Depois do Sínodo africano (1994), que já estava previsto antes da TMA, reuniram-se os Sínodos para a América (1997), a Ásia (1998), a Oceania (1998) e a Europa (1999). Só destes dois últimos falta (ou não chegou ao nosso conhecimento) a “exortação pós-sinodal” do Papa para concluí-los.

Para uma avaliação desses Sínodos em perspectiva missionária, a revista italiana *Ad Gentes*¹ promoveu, no final de setembro de 1999 (logo, antes da celebração do Sínodo europeu), um seminário de estudo, com a participação de mais de 45 teólogos e missionários de vários Países. A publicação das Atas do seminário² nos oferece a oportunidade para tentar aqui também um balanço, mesmo provisório, dos Sínodos.

¹ A revista foi fundada em 1997 por um grupo de professores que se ocupam de “teologia da missão” e recebe o apoio dos Institutos Missionários italianos. É dirigida por Venanzio Milani, comboniano, e publicada semestralmente pela Editrice Missionaria Italiana, Bologna (<http://www.emi.it> ou E-mail: sermis@emi.it).

² O seminário foi realizado em Pesaro (Itália), de 27 a 30 de setembro de 1999. As atas foram publicadas no n° 1 de 2000 da própria revista *Ad Gentes*, sob o título: “L’evangelizzazione interpella le Chiese. Analisi e prospettive dei Sinodi continentali” (192 pp.).

Evangelizar a humanidade

O conhecido teólogo dominicano Jean-Marie Tillard se fez portador da angústia do Papa: o Evangelho deve ingressar no próximo milênio. Mas como? Por um lado, temos a promessa de Cristo: “Ide, fazei discípulos... estarei convosco até o fim dos tempos” (Mt 28,19-20). Por outro, temos a profunda inquietação de Lucas: “O Filho do Homem, quando vier, será que vai encontrar fé sobre a terra?” (18,8).

Tillard procurou aprofundar o conceito de evangelização³. Ele vê uma passagem decisiva – que ele define como passagem do *ad extra* (para fora) para o *ab intra* (de dentro) – no discurso do papa Paulo VI na catedral de Kampala (Uganda), em 31 de julho de 1969: “Ser missionários de vós mesmos significa que vós, Africanos, deveis continuar a edificação da Igreja neste Continente. A Igreja, por sua natureza, é sempre missionária. Mas virá o dia em que não chamaremos mais “missionário” em sentido técnico o vosso apostolado, mas sim indígena, nativo, verdadeiramente vosso. Os irmãos devem salvar os irmãos. Vós podeis e deveis ter um cristianismo africano”.

Com menos força, Tillard vê a mesma perspectiva na *Evangelii Nuntiandi* do mesmo Paulo VI (8.12.1975): “A Igreja *toto orbe diffusa* tornar-se-ia uma abstração se não tomasse corpo e vida precisamente através das Igrejas particulares. Somente uma permanente atenção aos dois pólos da Igreja nos permitirá perceber a riqueza dessa relação entre Igreja universal e Igreja particulares” (nº 62).

Tillard cita ainda textos de João Paulo II que afirma: “Todos os homens, todas as nações, todas as culturas e todas as civilizações têm um papel próprio a desempenhar e um lugar particular no plano misterioso de Deus na história universal da salvação”⁴ e “O Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo fala todas as línguas. Aprecia e abrange todas as culturas. Jesus vos chama a aceitar suas palavras e seus valores no interior da vossa própria cultura...”⁵. E Tillard comenta: a Igreja é chamada a evangelizar uma humanidade multiforme, tanto do ponto de vista cultural, como necessitada de libertação, porque sempre ameaçada pelo mal. A pregação missionária tradicional fazia poucas referências às situações concretas, culturais e sociais. Queria instaurar, sobretudo, uma vida sacramental, que era basicamente a mesma em todo lugar. Os documentos dos Sínodos – seja aqueles conclusivos do Papa, seja os documentos da preparação –

³ Citamos aqui, a seguir, o texto da conferência “Evangelizzare l’umanità”, que abriu o seminário. Cf. *Ad Gentes* 4/ nº 1 (2000) 11-29.

⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Slavorum Apostoli*, 1985.

⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Discurso aos aborígenes australianos em Alice Springs*, 1987.

mostram uma Igreja seriamente empenhada em combater “os pecados sociais que gritam ao céu”. Isto implica também que a Igreja não se dirige simplesmente aos “pagãos”, mas à sociedade, onde muitas vezes cristãos ocupam lugares de responsabilidade, mas não vivem coerentemente a sua fé. A própria Igreja, lembraram alguns bispos, “deve ser evangelizada ou reevangelizada”.

Esta humanidade, ameaçada pela perversidade dos herdeiros de Caim, é, porém, chamada a valorizar sua pluralidade ou diversidade na linha da comunhão. Portanto, a evangelização será inculturada, procurará “descer às raízes”⁶ das culturas humanas. Mas essa inculturação não é uma aceitação de toda e qualquer situação nas culturas de hoje. Em muitas, inclusive nos Países que já foram ditos “cristãos”, o pecado oprime a humanidade e a evangelização exige conversão, mudança. Em linhas gerais, diz Tillard, os Sínodos continentais parecem dizer: “a Igreja procura fazer da humanidade um mundo melhor semeando as energias de um mundo novo”.

Depois de ter insistido sobre uma visão da evangelização que valoriza a Igreja local, que afunda suas raízes num povo, num país, numa cultura, Tillard – numa segunda parte de sua conferência – levantou alguns problemas que a nova visão põe. Reconheceu o perigo de Igrejas “étnicas”, demasiadamente presas à sua tribo, ao seu povo ou país. A Igreja local, ao contrário, na tradição bíblica é a Igreja de um lugar, aberta a todos os que a procuram, sem discriminação, pois “não há mais judeu nem grego...” (Gl 3,28).

A Igreja é comunhão de comunidades, de Igrejas locais. Mas há uma tensão entre os dois pólos, que aparece nos Sínodos. Os cardeais da Cúria não parecem confiar muito nas Conferências Episcopais, enquanto os bispos reclamam “contra o clima de suspeita com relação ao que os bispos julgam necessário para o bem das Igrejas e a qualidade da vida sacramental”. O “centro” da Igreja considera certo e seguro só o que vem dele e parece frear a ânsia da inculturação. E, às vezes, os bispos acabam ficando calados sobre problemas candentes, para não parecer “contestatários”.

A partir daí, Tillard formula o voto que os próprios Sínodos continentais recebam mais autonomia, com base no princípio da subsidiariedade. Lembra também o n° 34 dos antigos “Cânones dos Apóstolos” (na realidade, um documento do IV século, talvez de 381): “Os bispos de cada nação devem reconhecer o *prôtos* (primeiro) entre eles e considerá-lo como chefe, e não fazer nada sem seu consenso [...] Mas também o *prôtos* não deve fazer nada sem o consentimento de

⁶ Cf. PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, n° 20.

todos. Porque assim haverá concórdia (*homonoia*) e Deus será glorificado pelo Filho no Espírito Santo”.

Depois do texto, Tillard comenta: “A primeira frase não é em nada contestada pela Igreja hoje. Mas o restante nem sempre é posto em prática. Teme-se uma democracia de inspiração política. Esquece-se que a *homonoia* da qual se fala é a que é exigida entre os bispos, cada um dos quais é chefe de uma Igreja local, não por delegação, mas por uma *exousia* [autoridade] cuja fonte é o próprio Espírito. Sem ela, a Igreja de Deus sofre dilacerações. A experiência do passado, particularmente a das relações com o Oriente, mostrou-nos quanto um *estrangement*, mínimo no começo, pode chegar a uma ruptura difícil de consertar. Ora, certas intervenções dos sínodos continentais – filtrados nas proposições finais – dão a impressão que entre os continentes (ou partes de continentes) e Roma esteja criando-se lentamente um *estrangement* (afastamento, tomada de distância, frieza). Por outro lado, isto provoca como efeito secundário algumas tensões mesmo no interior de certos continentes. Se não houver rapidamente um diálogo na caridade franco e realista, no espírito do cânon 34 dos apóstolos, deveremos temer pelo porvir”⁷.

Tillard aponta ainda dois problemas sobre os quais a visão do “centro” (na prática, da Cúria Romana) e a das Igrejas locais (bispos e fiéis dos vários Países) parecem diferentes: a questão do diálogo com a modernidade, onde um excesso de prudência é interpretado por outros como recusa de qualquer mudança, e a questão da globalização, que é interpretada, às vezes, no sentido de uma centralização da Igreja (no estilo das empresas multinacionais), esquecendo que ela é por natureza comunhão de Igrejas locais, unidade na diversidade.

Tillard termina alertando para aquilo que julga uma grave deficiência dos Sínodos continentais. Quase não se fala de ecumenismo e não se vê que ele é uma exigência da evangelização (“que todos sejam um... a fim de que o mundo creia...” – Jo 17,21). A encíclica de João Paulo II, *Ut unum sint* (1995), proclamou com força a necessidade e a urgência da unidade cristã. Mas “nos dossiês dos sínodos continentais os indícios de uma tal consciência da urgência são muito raros”, conclui Tillard⁸.

⁷ Cf. J.-M. TILLARD, *Op.cit.*, pp. 24-25.

⁸ *Ibidem*, p. 28. – À luz das reações indignadas de muitas Igrejas cristãs à declaração *Dominus Iesus*, da Congregação para a Doutrina da Fé, divulgada em 5 de setembro de 2000, infelizmente se confirma a impressão de Tillard de que “os ardores ecumênicos não são mais aqueles das décadas que seguiram imediatamente ao Concílio Vaticano II”.

A Igreja e a África

Depois da introdução de Tillard, que tocou problemas fundamentais, veio a discussão sobre os vários Sínodos. O primeiro a ser analisado foi o da África, realizado em 1994 e concluído pela exortação do Papa: *Ecclesia in Africa*⁹.

As duas conferências sobre o Sínodo africano foram bastante diferentes e mostraram a possibilidade de interpretações diversas. Um africano, Juvenal Ilunga MUYA¹⁰, abordou o tema da "Igreja-Família", considerada como a "palavra-chave para a inculturação do Evangelho na África"¹¹. O autor procurou mostrar que a categoria teológica de "Igreja-família" é a base e a força propulsora da recepção do Sínodo na África e também uma contribuição à sociedade africana, para guardar sua identidade numa época de globalização, que nivela ou marginaliza os valores dos povos africanos. A tese de Ilunga MUYA é que a concepção africana de família deve ser assumida e, ao mesmo tempo, superada à luz do mistério trinitário e do mistério pascal, num correto processo de inculturação. O conceito africano de "família" é altamente dinâmico, porque conexo com o conceito de *palabre*¹², que é um processo criativo de comunhão no respeito do princípio de autoridade. As comunidades cristãs vivas são o lugar em que se experimenta a Igreja-família e se preparam os cristãos a desempenhar o seu papel de promoção de uma nova sociedade. Esta experiência será tanto mais válida quanto mais conectar o "enraizamento" africano do cristianismo com o horizonte da universalidade.

Como se vê por este breve resumo (fiel ao próprio resumo oferecido pela revista), Ilunga MUYA se coloca mais no plano ideal, daquilo que a Igreja africana deve ser. Ele não ignora os problemas candentes da África de hoje, numa época de globalização, particularmente cruel para a África, que parece condenada ao fracasso econômico pelo mercado mundial. A crise econômica e social contribui para levar o povo para os novos movimentos religiosos, fenômeno que também denuncia a escassa inculturação da fé cristã no contexto africano. Por

⁹ Publicada em 14 de setembro de 1995; no Brasil, cf. *SEDOC* 28 (1995/96) 388-466, ou a tradução editada por Paulinas, S. Paulo, 1995, 169 pp.

¹⁰ Padre diocesano de Kolwezi (República democrática do Congo, antigo Zaire) e atual professor de teologia fundamental na Pontifícia Universidade Urbaniana (Roma).

¹¹ Cf. J.I. MUYA, "Chiesa-Famiglia. Parola chiave per l'inculturazione del Vangelo in Africa", *Ad Gentes* 4 / n° 1 (2000) 39-62.

¹² O autor assim define o intraduzível termo *palabre*: "conversação ou colóquio por meio do qual – através de uma longa troca de palavras e pensamentos – se consegue, depois de escutar a todos, encontrar um consenso entre os *partners* ou participantes do diálogo" (*Op. cit.*, p. 53).

isso, Ilunga MUYA vê na inculturação o grande desafio do cristianismo e da Igreja católica hoje. E aponta para isso, como caminho privilegiado, a concepção da Igreja-família.

O ponto de vista do contra-relator é diferente, como se pode ver pelo título da sua conferência: *De Concílio a Sínodo. A Igreja africana na fatigante busca de sua identidade e de seu papel*¹³. Em síntese, PIERLI parte da afirmação de que, na África, o evento vale muito mais que o documento. Por isso evoca a história do sínodo para a África, lamentando que não tenha sido praticada mais profundamente a “sinodalidade” iniciada pelo Concílio Vaticano II e por Paulo VI. Julga que a realização de um “concílio africano” – idéia lançada por leigos e missionários nos anos '70 e '80 – teria sido muito mais produtiva para uma identidade forte da Igreja na África. Um sínodo *para* a África e não *da* África, celebrado em Roma, não foi percebido como africano pelos africanos. A linguagem da Exortação papal *Ecclesia in África*, com suas categorias teológicas e jurídicas, tornou mais difícil – na opinião do conferencista – a “recepção” do Sínodo. Que fazer, então? Manter a esperança, porque no seu conjunto a Igreja africana permanece vibrante, e isto pelo caráter do povo, sempre sustentado pela confiança de que as coisas irão melhorar. Ter esperança hoje significa que a sinodalidade pode ser levada ainda adiante e que as Igrejas locais podem adquirir de novo sua natureza de Igrejas e não de simples agências periféricas de um centro que tudo ordena.

O debate entre os participantes questionou a categoria de Igreja-família. Para alguns, pode ser um conceito que limita, que fecha a Igreja em sua vida interna, que reforça a autoridade tradicional, mas dificulta a abertura às necessárias inovações. Outros afirmaram que a categoria de Igreja-família não limita mais que outras fórmulas teológicas. De qualquer forma, admitem que se trata apenas de uma analogia (entre família africana e Igreja). A concepção africana de família deve ser superada, aberta à fraternidade universal. E ela teria nela mesma um dinamismo de abertura e diálogo (a *palabre*) que facilitaria transcender os limites étnicos e locais para alcançar as dimensões universais da Igreja e do mundo.

Outra questão debatida foi a da inculturação. Constatou-se, com satisfação, que hoje não se discute mais *se* a Igreja deva inculturar-se, mas *como* fazê-lo. Também houve consenso que não se trata de inculturação numa cultura africana arcaica, mas na África de hoje, ameaçada pela globalização, desafiada pela modernidade, onde o cris-

¹³ Cf. F. PIERLI, “Da Concilio a Sínodo...”, *Ad Gentes* 4 / nº 1 (2000) 63-78. F. PIERLI é um missionário comboniano, professor na Universidade de Nairobi (Kenya).

tianismo tem a responsabilidade de contribuir para uma nova cultura africana, fiel às suas raízes e aberta à universalidade. A contribuição cristã não será uma redução do Evangelho à cultura, mas um “enraizamento” do Evangelho na África.

A Igreja e a América

Depois do Sínodo para a África, foi estudado o da América, realizado em Roma de 16/11 a 12/12/1997. A primeira conferência¹⁴ me foi confiada e basta aqui apenas lembrar as teses principais. Quanto à preparação, relevei que houve pouca participação das bases eclesiais e pouca continuidade com o rico magistério pastoral tanto da América Latina como da América do Norte¹⁵. Quanto à realização, enfatizei que a intuição do Papa de promover um encontro e um diálogo entre os bispos das Américas (Norte, Centro, Sul e Caribe) teve um resultado feliz e constituiu um início promissor de uma cooperação, que se pode esperar mais intensa nos próximos anos. Quanto aos conteúdos propostos pelo Sínodo e retomados pelo Papa sobre o tema da nova evangelização, deve ser ressaltado positivamente o cristocentrismo, o acento posto sobre o “encontro hoje com Jesus Cristo vivo”, mesmo se falta uma adequada proposta de método e uma consciência das mudanças estruturais e pastorais necessárias para pôr efetiva e eficazmente a Igreja a serviço da nova evangelização. Outro aspecto positivo das conclusões, sustentado pelo consenso unânime dos bispos, é um juízo muito crítico sobre a “sociedade dos poderosos” e a teoria neoliberal. Falta, porém, qualquer autocrítica da Igreja.

A reação ou segunda conferência¹⁶ estava confiada a Mario MENIN¹⁷. A semelhança de nossos pontos de vista (de MENIN e meu)

¹⁴ Cf. A. ANTONIAZZI, “L’urgenza di una nuova evangelizzazione in América”, *Ad Gentes* 4 / nº 1 (2000) 82-114. Os organizadores tinham pedido a participação de Paulo Suess, que não pôde aceitar. – Minhas primeiras impressões sobre o Sínodo para a América foram publicadas em *Perspectiva Teológica* 30 (1998) 85-94. Aquelas *Reflexões sobre o Sínodo para a América* foram escritas após o Sínodo, mas antes da publicação da Exortação *Ecclesia in América* (25.01.1999).

¹⁵ No artigo se encontra um levantamento pormenorizado das “fontes” de *Ecclesia in América*. A Exortação pós-sinodal do Papa cita 207 vezes os trabalhos do Sínodo, 124 vezes o magistério papal e episcopal e 116 vezes a Sagrada Escritura. Entre as 124 citações do magistério, somente 6 são do episcopado latino-americano e 2 do episcopado norte-americano, deixando a impressão que o documento é fortemente romano, mas pouco atento ao episcopado do continente.

¹⁶ Cf. M. MENIN, “Di fronte alla globalizzazione e al ‘mercato religioso’”, *Ad Gentes* 4 / nº 1 (2000) 115-125.

¹⁷ Missionário xaveriano, professor de teologia em São Paulo de 1986 a 1998, atualmente concluindo o doutorado em missiologia, em Roma.

não levou a uma perspectiva muito diferente. MENIN, contudo, insistiu mais do que eu sobre algumas “reticências” do Sínodo (na preparação, no debate, nas conclusões publicadas) e apontou um “retrocesso” grave com relação aos documentos episcopais latino-americanos (Medellín, Puebla, Santo Domingo), enquanto o Sínodo não reconhece aos pobres e aos “outros” (índios e afroamericanos) um papel de sujeito da nova evangelização. Esta atitude do Sínodo se reflete na postura tomada em face dos dois desafios que mais chamaram a atenção dos Padres Sinodais: a globalização e o “mercado religioso” (ou a mercantilização da religião).

O debate girou ao redor de três pontos: 1) a relação entre o Sínodo e os documentos do Episcopado latino-americano e, em geral, as Igrejas locais; 2) a situação pastoral da Igreja na América e sua abertura à missão *ad gentes*; 3) a centralidade do anúncio de Jesus Cristo, mas a escassa atenção dada à dimensão trinitária.

Quanto ao primeiro ponto, prevaleceu a impressão de que o Sínodo envolveu pouco as Igrejas do continente e que, em consequência, poderá ter uma influência limitada, ao contrário do que foram – para a América Latina – as Conferências episcopais de Medellín e Puebla. Por outro lado, o Sínodo pôs em confronto as diversas realidades do Continente e os Bispos da América do Norte acolheram plenamente as críticas da América Latina e do Caribe à política e à dominação econômica norte-americana no Continente, com a justificativa das teorias neoliberais, cujas consequências negativas para os pobres são manifestas e cruéis também dentro dos Estados Unidos, especialmente entre negros, hispano-americanos, imigrantes recentes...

Quanto ao segundo ponto, foram consideradas as mudanças recentes do panorama religioso e pastoral: crescimento do individualismo, enfraquecimento das comunidades rurais, expansão dos movimentos de tipo carismático... Ainda é cedo para discernir mais claramente os rumos, mas os bispos e as Igrejas locais se abrem mais às novidades. Há também uma abertura à inculturação, inclusive apoiada pelo documento de Santo Domingo; mas na prática se faz ainda pouco neste sentido. Fala-se bastante em participação da América no esforço missionário, mas as iniciativas ainda são poucas, também pelas limitações objetivas das dioceses, sobretudo, das latino-americanas, onde o clero é ainda muito escasso.

Quanto ao último ponto, há algumas perplexidades. Por que *Ecclesia in América* é toda construída em função do encontro com o Cristo vivo e os bispos quase não falaram disso durante o Sínodo? Por que a *Tertio Millennio Adveniente* dá uma perspectiva trinitária

à Igreja que ingressa no terceiro milênio e o Sínodo para a América não adota esta perspectiva? Positivo, de qualquer forma, é o cristocentrismo das conclusões do Sínodo e sua referência à cristologia do Novo Testamento, em sua riqueza e variedade, sem optar (como, por exemplo, Santo Domingo) por uma cristologia particular, unilateral. O debate reafirmou ainda a necessidade de aprofundar o *como* da nova evangelização.

Igreja e Ásia

O Sínodo para a Ásia foi realizado em Roma, de 18 de abril a 14 de maio de 1998. A Exortação pós-sinodal *Ecclesia in Asia* foi assinada pelo Papa João Paulo II em Nova Deli (Índia), em 6 de novembro de 1999¹⁸.

Quando foi realizado o seminário de que estamos tratando, o Sínodo havia terminado, mas o documento do Papa ainda não estava publicado. Houve duas intervenções, que falaram mais da situação da Igreja em Ásia do que das conclusões do Sínodo enquanto tal. A primeira foi a conferência de dom Joseph Zen Ze-kiun, bispo coadjutor de Hong-Kong, salesiano¹⁹. Ele próprio deu à palestra, relativamente breve, o título modesto de "Testemunho e reflexão"²⁰. Na primeira parte, deu um depoimento sobre a situação do catolicismo na China continental, a qual recuperou recentemente o território de Hong-Kong. Na segunda parte, apresentou uma reflexão sobre o Sínodo. Dom Joseph Zen foi prudente em sua fala, deixando implicitamente claro quanta prudência exija a sua condição de bispo num País onde as relações entre o Governo e a Igreja Católica são difíceis. Comentando brevemente o Sínodo, o bispo coadjutor de Hong-Kong tomou como ponto de partida o próprio tema: "Jesus Cristo o Salvador – Sua missão, também por meio da Igreja, de amor e serviço em Ásia – Para que tenham vida e a tenham em abundância". Jesus Cristo é o fundamento da missão, e ela se desenvolve através de um tríplice diálogo: com as culturas, com as religiões, com o povo, especialmente com os pobres. Foram os três pontos desenvolvidos e comentados.

¹⁸ Texto traduzido em *SEDOC* 32 (1999/2000) 416-496.

¹⁹ Dom Joseph Zen Ze-kiun nasceu em Xangai em 1932. Estudou na Itália, junto aos Salesianos, de 1955 a 1964. Foi professor no Seminário de Hong-Kong, e durante algum tempo nos seminários da China continental (comunista). Desde 1996, é bispo coadjutor de Hong-Kong com direito à sucessão.

²⁰ J. ZEN ZE-KIUN, "Testimonianza e riflessione", *Ad Gentes* 4 / n° 1 (2000) 129-137.

A segunda palestra foi confiada ao P. Franco CAGNASSO, superior geral do PIME²¹. Ele falou de "Recuperação da espiritualidade asiática"²². O título expressa a convicção do autor de que o problema da missão na Ásia seja proclamar a salvação em Jesus Cristo por meio de uma espiritualidade que seja juntamente cristã e asiática. Mas o P. Cagnasso não quer simplificar o problema missionário, nem subestima sua complexidade. A primeira parte da sua exposição foi dedicada a mostrar as faces diversas da realidade asiática. Depois de ter lembrado que, com exceção das Filipinas, a Igreja Católica, é na Ásia, sempre uma minoria, muitas vezes uma pequena minoria, falou de três áreas da Igreja na Ásia: a área da FABC²³, que vai do Paquistão para o Oriente, até o Japão (excluindo a China por razões políticas); a área do Oriente Médio, do Irã para oeste, até o Mar Mediterrâneo; a Ásia central, que já pertenceu à União Soviética. As Igrejas da área da FABC (fundada em 1970, por ocasião da viagem de Paulo VI a Manila) se conhecem e se encontram. Têm uma organização comum e já produziram juntas documentos importantes. Com exceção das Igrejas antigas da Índia (siro-malabar e siro-malankar), todas são relativamente recentes, iniciadas a partir do século XVI e da colonização européia, o que as torna às vezes demasiadamente "ocidentais", precisando libertar-se deste lastro do passado para integrar-se melhor na realidade asiática. Apesar das dificuldades, o clima predominante nestas Igrejas é o da esperança, embora o crescimento numérico dos católicos seja pequeno.

Muito diferente é a situação do Oriente Médio. Aí o cristianismo nasceu e as Igrejas são muito antigas, mais antigas que o Islã, religião majoritária desses Países. Mas os bispos estão preocupados e até desanimados. Os católicos emigram para outros Países. O islamismo deixa pouco espaço de expressão (em alguns Países, nenhum) às comunidades cristãs. Os bispos do Oriente Médio não conheciam os da FABC; a descoberta recíproca e o intercâmbio foram proveitosos. Juntos descobriram uma "terceira" Ásia, ainda mais desconhecida. É a Ásia central, dominada pela Rússia e pelo comunismo até há pouco. Em parte, a população perdeu as raízes religiosas, em parte adere ao islamismo. A Igreja Católica está tentando reconstruir suas comunidades, formadas pelos descendentes de poloneses, alemães e

²¹ Franco Cagnasso nasceu em Susa (Turim), em 1943. Especialista em islamismo. Trabalhou como missionário e professor no Bangladesh. Desde 1989 é superior geral do Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras (PIME). Participou do Sínodo para a Ásia.

²² Cf. "Un ricupero della spiritualità asiatica", *Ad Gentes* 4 / n° 1 (2000) 138-159.

²³ Federation of Asian Bishops' Conferences (Federação das Conferências Episcopais da Ásia).

ucranianos deportados até as regiões mais remotas do Império Soviético (Sibéria etc.).

P. Cagnasso ilustra também as dificuldades da preparação de um Sínodo, que devia refletir uma realidade tão complexa e diversificada. Nota como o primeiro documento preparatório ("Lineamenta"), preparado por Roma, fosse muito doutrinal e voltado, sobretudo, para a problemática da FABC e de alguns seus documentos sobre o diálogo religioso. As reações de vários Episcopados levaram o segundo documento ("Instrumentum Laboris") a considerar outros aspectos e colocar o acento sobre problemas pastorais e vitais de outras áreas. A Exortação pós-sinodal do Papa conserva um forte acento doutrinal (unicidade e centralidade de Cristo), mas, em geral, o Sínodo parece ter conseguido um maior diálogo entre Roma e os diversos episcopados, mesmo se alguns bispos apoiam com mais força a pesquisa teológica e as experiências de inculturação, pelas quais se sentem responsáveis e mais competentes que os distantes dicastérios do Vaticano.

O debate após as duas conferências contribuiu para ressaltar aspectos positivos do Sínodo e certas deficiências (inevitáveis também pela limitação do tempo). Do ponto de vista teológico, houve pouco interesse do Sínodo, como se os bispos dissessem que já têm suficientes problemas pastorais e práticos e que a teologia deve ser feita pelos teólogos. Em geral, os teólogos saíram encorajados pelo Sínodo e diminuíram os temores romanos de que alguns teólogos asiáticos (e algumas Igrejas) estivessem colocando em segundo plano a pessoa de Jesus Cristo para facilitar o diálogo religioso! Tendo ficado claro que as Igrejas da Ásia continuam com espírito missionário e reta intenção de evangelizar, a reflexão sobre os caminhos (ou os métodos) da evangelização trouxe algumas novidades e deixou várias interrogações. A novidade é que os bispos da Ásia querem um primado da espiritualidade e da vida sobre a doutrina (tendo uma visão da verdade diferente da lógica ocidental). Também ficou evidente que os bispos consideram com realismo que hoje as suas comunidades, antes de tentar um diálogo doutrinal ou sobre os valores, devem praticar o "diálogo da vida" ou da convivência, aprendendo a viver e afirmar sua fé em contato com os fiéis das outras religiões, superando o isolamento em que muitas delas ainda vivem. Também foi discutida a relação evangelização-libertação-inculturação-anúncio. Contra uma visão (no fundo, redutiva e empobrecida) da evangelização como anúncio ou proclamação, é preciso reconhecer que o anúncio só pode vir no contexto de um testemunho mais amplo de solidariedade com os pobres, de empenho pela libertação humana, de inculturação. Todos esses são aspectos autênticos e necessários da evangelização.

Os outros Sínodos

O seminário da revista *Ad Gentes* não se ocupou do Sínodo da Oceania²⁴. A revista, contudo, publica algum material²⁵ sobre o quinto Continente, em evidência neste setembro de 2000 em razão das Olimpíadas. A Oceania conta com pouco mais de oito milhões de católicos, o que representa menos de 1% dos católicos do mundo. Apesar do pequeno número, há evidentes diferenças entre os católicos da Austrália (27% dos 19 milhões de habitantes) e os habitantes das pequenas ilhas esparsas pelo Oceano Pacífico²⁶.

Os relatos do Sínodo ou ao redor dele parecem assinalar, sobretudo, duas situações distintas, mas que, às vezes, se encontram e se encontrarão sempre mais no futuro. A situação dos nativos — que se converteram das religiões tradicionais ao cristianismo (católico ou protestante) e que aceitaram a fé em Cristo com relativa facilidade, seja porque os libertava do medo dos espíritos maus, seja porque tornava mais pacífica a vida comunitária²⁷ — é vista como positiva e nela a Igreja goza de grande prestígio. Ao contrário, nas grandes cidades australianas, a secularização avança, os jovens têm dificuldades para acolher a fé e as famílias se defrontam com a instabilidade (divórcios...) e a dificuldade de educar num mundo dominado pela televisão. Também o juízo sobre a situação, seja da inculturação entre os nativos, seja das possíveis mudanças no ambiente moderno das grandes cidades, parece ter

²⁴ Realizado em Roma de 22.11 a 12.12.1998. A “Relatio ante disceptationem” do relator geral do Sínodo, dom HICKEY, e a “Mensagem do Sínodo ao Povo de Deus” estão publicados (em italiano) na revista *Il Regno*, 44 / nº 3 (1999) 97-104, seguidos por uma importante declaração conjunta de bispos australianos e cardeais da Cúria Romana de 17-20.11.1998: cf. “La Chiesa australiana a Roma”, *Il Regno*, 44 / nº 3 (1999) 105-113. — O pequeno tamanho da Igreja na Oceania permitiu reunir no Sínodo todos os bispos locais, mais outros delegados, num total de 117.

²⁵ Cf. M. VISI, bispo de Vanuatu: “La Chiesa in Oceania”, *Ad Gentes* 4 / nº 1 (2000) 178-181; E. MANTOVANI, “I problemi fondamentali del dialogo fra cristianesimo e cultura in Melanesia”, *Ad Gentes* 4 / nº 1 (2000) 182-192.

²⁶ Numa entrevista a *Il Regno*, o arcebispo de Melbourne, dom George Pell, fala de um sínodo “difícil” por três aspectos. “Antes de tudo, pela extrema diversidade das situações: há vicariatos apostólicos com poucas centenas de fiéis perdidos nas pequenas ilhas do Pacífico; depois há a Papuásia, com os cristãos da costa, das ilhas, das montanhas; e enfim a Austrália com a sua geografia desmedida de desertos e grandes cidades”. As duas outras dificuldades seriam a falta de teólogos e as mudanças históricas em ato (*Il Regno* 44 / nº 2 (1999) 6).

²⁷ O missionário e antropólogo E. MANTOVANI, hoje diretor do prestigiado Instituto *Anthropos* dos Verbits em Bonn (Alemanha), adverte, no artigo citado (cf. acima, nota 24), sobre a confusão e a reinterpretação dos ritos cristãos no sentido das religiões tradicionais e critica a ignorância dos missionários cristãos, como fonte de equívocos que permanecem até hoje.

sido formulado diferentemente pelos bispos da Oceania e pela Cúria vaticana²⁸.

O Sínodo da Europa foi realizado de 1º a 23 de outubro de 1999, logo depois do seminário de *Ad Gentes*. A temática desse Sínodo (então já preparada pelos respectivos *Lineamenta e Instrumentum laboris*) foi abordada por Mons. Aldo Giordano, secretário geral do Conselho das Conferência Episcopais Européias (CCEE), que insistiu especialmente no desafio que o niilismo pós-moderno põe à fé cristã²⁹.

Outra intervenção sobre a Igreja na Europa foi a de Franco MARTON: *As Igrejas européias na "troca de dons"*³⁰. Ele afirmou que as Igrejas européias, acostumadas a "dar" (às vezes, com atitude de superioridade), devem hoje aprender a "receber" os dons das Igrejas de outros Continentes, que não são mais a fotocópia das Igrejas-mães. Apontou alguns caminhos de intercâmbio ou diálogo mútuo: as pequenas comunidades reunidas ao redor da Palavra para testemunhá-la na caridade e no diálogo; o enriquecimento recíproco das cristologias, para um querigma mais rico; a partilha de vida e de destino com os irmãos, seguindo Jesus na sua radicalidade; o deixar-se questionar pela pobreza espalhada pelo mundo e o deixar-se evangelizar pelos pobres; enfim, construir um tecido de comunidades fraternas, ecumênicas e não violentas, nas quais "habite" Aquele que é a nossa Paz.

Entrar a fundo na problemática do Sínodo europeu, de qualquer forma, na ausência também da Exortação pós-sinodal do Papa, não é viável agora e aqui. Este Sínodo, voltado especialmente para discernir o futuro da fé cristã no Continente que por ela foi mais longamente marcado e que agora está ameaçado pela apostasia de muitos, merece um outro estudo. Encerramos aqui a análise dos Sínodos e vamos propor um último passo.

²⁸ Insiste sobre a diversidade de pontos de vista e as tensões entre Cúria e bispos australianos a crônica de *Il Regno*, "Luci e ombre di un sínodo difficile: Il centralismo e l'inculturazione": *Il Regno* 44 / nº 2 (1999) 6-8.

²⁹ O texto da conferência não foi retomado pela revista. A mensagem final do Sínodo para a Europa está traduzido em *SEDOC* 32 (1999/2000) 497-506. Para algumas notícias sobre o Sínodo da Europa, cf. L. PREZZI, "Apostasia dell'Europa", *Il Regno* 45 / nº 16 (1999) 526-527; Idem, "La macchina e il sogno", *Il Regno* 20 nº 44 (1999) 657-660.

³⁰ F. MARTON, "Le Chiese europee nello "scambio di doni", *Ad Gentes* 4 / nº 1 (2000) 163-172. Franco MARTON é diretor do Centro Missionário Diocesano de Treviso e colaborador do CEIAL (Centro Eclesial Italiano para a América Latina).

Dados para um balanço

Um resumo do seminário de *Ad Gentes* e, tanto mais, uma avaliação abrangente dos Sínodos continentais é simplesmente impossível. É possível, porém, e oportuno procurar alguns dados ou traços, que possam esquematicamente oferecer uma espécie de andaime provisório para o leitor que queira tirar conclusões.

- A convocação e a realização dos Sínodos Continentais puseram em relevo, antes de tudo, a complexidade da situação da Igreja, a diversidade dos desafios que a missão cristã encontra, os condicionamentos diferentes que pesam sobre a única Igreja de Cristo quando observada no contexto histórico e geográfico das Igrejas locais.
- A diversidade se torna evidente também no quadro anexo (“Os católicos no mundo”), onde aparece a porcentagem de católicos em cada continente e seu peso no conjunto do catolicismo mundial. Note-se, por exemplo, que os católicos não chegam a 3% da população asiática, embora o total dos católicos asiáticos represente cerca de 10% dos católicos no mundo. A América é o continente mais católico, com cerca de 65% de católicos entre a população. (Na América Latina, a porcentagem de católicos está próxima de 85%.) No conjunto, metade do total mundial de católicos habita no continente americano.
- Nesse contexto, não podia deixar de emergir o contraste (embora, geralmente, muito atenuado nos debates sinodais e na comunicação ao público) entre uma visão da Igreja, que a concebe como um modelo único, criado na agência central, e reproduzido nas filiais, e a visão da Igreja como comunhão de Igrejas locais, Igrejas-sujeito, cada uma responsável (em comunhão e solidariedade com as Igrejas irmãs e aberta às diretrizes romanas) pela edificação e contínua reforma de suas comunidades, a serviço da missão que recebeu de Cristo. Com maior ou menor intensidade, os Sínodos revelam (ou, pelo menos, não escondem) o desejo de maior autonomia do episcopado e de uma aplicação mais efetiva do princípio da “subsidiariedade”.
- O reconhecimento da diversidade é um fato positivo. Aliás, em certos casos, trata-se de verdadeiras descobertas entre bispos (e Igrejas) que não se conheciam. Além do exemplo citado da Ásia, podemos lembrar o encontro – aberto e cordial – entre os episcopados do Norte e do Centro-Sul da América, com o possível desdobramento de uma cooperação mais intensa no futuro.
- A data e a motivação de convocação dos Sínodos Continentais levou quase naturalmente a pôr o acento sobre o cristocentrismo.

Afinal, tudo foi feito em preparação ao Jubileu dos 2000 anos do nascimento de Jesus, o Cristo. Lamentou-se, como vimos, a ausência de uma visão mais trinitária da missão da Igreja (presente no cap. I de *Lumen Gentium* e na Carta de João Paulo II *Tertio Millennio Adveniente*). Ela poderia ter sido desenvolvida, enriquecendo a teologia dos Sínodos. Mas os Sínodos não são reuniões teológicas e os bispos não quiseram competir com os teólogos!

- A data do Jubileu marca também o ingresso no Terceiro Milênio e convida a olhar para a frente, para as mudanças tecnológicas, econômicas, sociais, culturais e religiosas que vão emergindo e, às vezes, surpreendendo a todos nós que vivemos a passagem do 2º para o 3º milênio. Três fenômenos têm chamado a atenção, em diversa medida, de todos os Sínodos:

I) o fenômeno da *globalização* e da extensão a todos os recantos da terra da modernidade ocidental (que não deixa de suscitar resistências firmes e teimosas, muitas vezes violentas, que ameçam rejeitar o cristianismo junto com o “Ocidente” ou o “Satanás (norte)americano”); não se trata só da expansão de uma tecnologia ou de uma economia competitiva e excludente, mas também da difusão de um estilo de vida individualista e sem solidariedade, niilista ao extremo;

II) a difusão das *grandes religiões* e dos novos movimentos religiosos, portadores de uma visão um tanto nebulosa de Deus, dispostos ao sincretismo e ao subjetivismo, oferecendo novas alternativas de escolha mesmo lá onde, até há pouco, a religião cristã ou a Igreja católica detinham uma espécie de monopólio e impregnavam a cultura local com suas tradições; em certos casos, em lugar de uma competição entre as religiões numa espécie de grande mercado, temos avanços de ecumenismo, superação de preconceitos, trabalho em conjunto pela paz;

III) tudo isso leva a um novo *pluralismo*, não apenas mais difundido e extenso que no recente passado, mas, sobretudo, sustentado por uma ideologia que eleva o pluralismo a sistema, a valor, e impõe uma espécie de nivelamento de todas as diferenças, inclusive éticas e religiosas.

- Nesse contexto de uma modernidade que invade e questiona tudo, qual é a missão da Igreja? Mais exatamente: qual é a missão que o Pai, em Cristo e pelo Espírito Santo, confia à Igreja?³¹ Esta

³¹ A missão confiada à Igreja é essencialmente *missio Dei* e não parece possível retroceder nesse ponto. Assim pareceu a alguns demasiadamente “eclesiocêntrico” o n° 68 da *Ecclesia in America*, que parece reduzir a missão à ação da Igreja. Também foi

missão, que vem da Santíssima Trindade, não é revelar o amor que o Deus-comunhão tem para com toda a humanidade? Não é – à moda antiga – o encargo dado a alguns de levar o Evangelho a pessoas e povos que não o conhecem. É o chamado ou vocação de cada Igreja e de toda a Igreja para manifestar o desígnio de Deus. É o chamado e a responsabilidade confiada a cada e a todo cristão por levar, pela Palavra, ao encontro com Jesus Cristo vivo. Uma razão teológica funda essa visão da missão. Mas ela também parece mais adequada à nossa conjuntura histórica, em que muitas Igrejas locais lidam contemporaneamente com o anúncio de Cristo *ad gentes* (a pessoas e povos que ainda não o conhecem), com a necessidade da “nova evangelização” de cristãos que se afastaram da comunidade eclesial e da vivência evangélica e com a ação “pastoral”, que cuida de um rebanho sempre mais envolvido pelos fenômenos da secularização, da sociedade competitiva e consumista, do mercado religioso, da relativização ou subjetivização da fé³².

- A missão, como revelação do amor do Deus trino para a humanidade, abrange muitos aspectos, também diversamente sublinhados pelos diversos Sínodos, mas igualmente dignos e necessários. Ela se realiza por uma *vivência espiritual* intensa e a *busca da santidade* (como enfatizaram os bispos da Ásia), ela exige uma *inculturação* da fé (como África e América pediram), ela leva ao empenho generoso na luta pela justiça e a *libertação* humana (como pobres e excluídos pedem), ela se expressa também na atitude de *diálogo com as religiões* (Ásia) e com as Igrejas cristãs (um tanto esquecidas nestes Sínodos)³³.

- Houve também, como pode acontecer na Igreja de Deus, povo santo e pecador, *as deficiências ou os esquecimentos* dos Sínodos. Muitos lamentaram, como dissemos, o escasso ardor ecumênico. Em contraste com a atitude do Papa, especialmente por ocasião do Jubileu, falta aos Sínodos um *pedido de perdão* pelas culpas dos católicos, cúmplices muitas vezes do colonialismo, da opressão dos povos indígenas, da imposição forçada da “verdade”. Outros julgaram os documentos finais demasiadamente preocupados em reafir-

criticado, em *Ecclesia in America*, o fato de que a Missão da Igreja, a nova evangelização, tenha sido colocada no final do documento, no capítulo VI (§§ 66 e ss.), quase como apêndice. A evangelização não deveria inspirar todo o documento, desde o início?

³² Sobre os três aspectos da missão da Igreja, cf. JOÃO PAULO II, Encíclica *Redemptoris Missio*, n° 33.

³³ Para uma visão da missão nos diversos continentes a partir de missionários e estudiosos de missiologia, pode-se ler a obra coletiva organizada por Paulo SUESS, a partir de um simpósio realizado em S. Paulo, em maio de 1999: *Os confins do mundo no meio de nós*, Paulinas, 2000, 256 pp.

mar a doutrina conhecida e consolidada, menos abertos a discernir o novo e as novas exigências de Deus à sua Igreja.

- Faltou um pouco mais de coragem e lucidez para rever as estruturas pastorais³⁴. Entre as necessárias reformas estão – pelas razões que já vimos: 1) a autonomia das Igrejas locais, que não podem ser forçadas à mera repetição dos modelos produzidos pela “matriz”, da qual não são meras “filiais”; 2) a inculturação mais efetiva e profunda de catequese e liturgia; 3) a reorganização dos ministérios eclesiais, considerando que a organização atual está longe de atender a muitas comunidades, particularmente nas áreas onde estão mais dispersas e, às vezes, isoladas ou são hostilizadas.

- É importante reafirmar a validade dos Sínodos e, principalmente, da *sinodalidade*, como uma dimensão que a Igreja deve redescobrir e viver mais intensamente. Os mecanismos atuais dos Sínodos dos Bispos (inclusive dos Sínodos continentais) produzem inevitavelmente uma “filtragem” que tende a eliminar todas as questões novas e candentes, sobre as quais não existe ainda consenso. Por isso, julgo necessário que a reflexão e o diálogo entre os bispos e eventuais assessores ou outros representantes das Igrejas locais sejam feitos fora e antes dos Sínodos, num contexto menos oficial e sem censura, onde possa amadurecer a tomada de consciência dos novos problemas da evangelização e o discernimento dos caminhos que o Espírito indica. Também é necessário que, nos debates, as Igrejas locais sejam envolvidas amplamente, porque é importante conhecer o *sensus fidelium* e estimular a participação e a recepção das eventuais novidades aprovadas pela competente autoridade.

- Notemos, enfim, que os Sínodos Continentais se inserem nas *propostas*, muitas vezes corajosas e geniais, do Papa João Paulo II, no seu esforço de devolver novo dinamismo à Igreja que ingressa no novo Milênio. Nem sempre, contudo, o projeto papal superou os entraves burocráticos da Cúria, que um bispo apontou sinteticamente como o perigo de “um magistério que sufoca o mistério”. Apesar desse perigo real, retomamos o voto de um dos coordenadores do seminário de *Ad Gentes*, que concluía pedindo a Deus que possamos olhar os Sínodos continentais como Barnabé olhou a igreja nascente de Antioquia: “Quando ele chegou, viu a graça que Deus havia concedido. Alegrou-se muito e exortou a todos para

³⁴ Sem com isso pensar que a reforma das estruturas mude “magicamente” a Igreja ou as pessoas, como observou criticamente um bispo no Sínodo da Europa (Dom Mirosław Zycinski). A crítica, porém, pode esconder mais uma recusa de reconhecer a necessidade de mudança nas estruturas pastorais, que *Ecclesia in America* admite – ao menos timidamente – com relação à paróquia (cf. *Ecclesia in America* nº 42).

que permanecessem fiéis ao Senhor, com firmeza de coração" (At 11,23-24)³⁵.

Anexo:

CATÓLICOS NO MUNDO (1999)

Continentes	Habitantes (em milhões)	Católicos em milhões	% de católicos no Continente	%de católicos no Mundo
ÁFRICA	765,8	115	15,0%	11,0%
AMÉRICA	809,1	522	65,0%	50,0%
ÁSIA	3.633,1	105	2,9%	10,0%
EUROPA	745,6	285	39,0%	27,2%
OCEANIA	29,6	8	27,0%	0,8%
TOTAL	5.983,0	1.045	17,4%	100,0%

Fontes: População: ONU, 1999. (Para a ONU, a população mundial alcançou 6 bilhões de habitantes em 12.10.1999). O número dos católicos foi estimado a partir dos dados do *Anuario Pontificio 2000* e do último *Anuário Estatístico da Igreja* (1997).

Alberto Antoniazzi obteve o título de Doutor em Filosofia na Universidade Católica de Milão em 1962, com uma tese *A fenomenologia da existência em São João da Cruz*. Estudou teologia em Belo Horizonte, onde foi ordenado presbítero a serviço da mesma Arquidiocese (1965). Desde então é professor do Seminário e da PUC-Minas. Em 1997, assessorou a delegação brasileira no Sínodo para a América. Autor de numerosos artigos sobre teologia pastoral. Com Henrique Cristiano J. Matos publicou: *Cristianismo: 2000 anos de caminhada*, S. Paulo: Paulinas, 2000, 252 p. (4ª ed.).

Endereço: Av. Trinta e Um de Março, 1020 — Dom Cabral
30535-000 — Belo Horizonte — MG
e-mail: alberto@pucminas.br

³⁵ Cf. G. COLZANI, "Il movimento dell'amore trinitario" para com toda a humanidade, *Ad Gentes* 4 / n° 1 (2000) p.173-177 (a citação de Atos está no final da pág. 177).